



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



CULTURA  
ACADÊMICA  
*Editora*

# Prefácio à 3ª. edição - Cantos da experiência. Variações sobre a formação de professoras no Brasil

Maria da Conceição Passeggi

**Como citar:** PASSEGGI, M. C. Prefácio à 3ª. edição - Cantos da experiência. Variações sobre a formação de professoras no Brasil. *In:* MAGNANI, M. R. M. (org.). **Em sobressaltos: formação de professora.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 17-20.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-034-4.p17-20>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PREFÁCIO À 3<sup>a</sup>. EDIÇÃO  
*CANTOS DA EXPERIÊNCIA.*  
VARIACIONES SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS  
NO BRASIL<sup>1</sup>

[...] e quanto mais formos capazes de nos dar conta e de dar conta aos outros da experiência vivida, mais ela é vivida conscientemente (ela é experimentada, ela se fixa na palavra etc.)

Lev Vygotski<sup>2</sup>

Li muitas vezes e em momentos de *stress* provocados pelo excesso de trabalho acadêmico este livro de Maria do Rosario Mortatti Magnani: *Em sobressaltos: formação de professora*. A beleza da escrita de Maria do Rosario, a originalidade com que descreve os fundamentos teóricos e o método, a profundidade com que aborda o problema da formação de professoras, tudo isso era de fato um *canto* sobre 30 anos da educação brasileira, por ela vividos, entre 1961 e 1991. Por isso, a leitura aliviava a tensão entre ler por dever e ler por prazer, o que nem sempre nos permitimos. Vida de professora!

Sua história não poderia ser narrada senão sob a forma de uma *epopeia* educacional e educativa. Em mais de 200 páginas, ela nos fala de sua travessia e de não ter chegado à Ítaca, seu destino. Felizmente! Pois não é sem razão que ela se dispôs a revisitar seu canto para esta terceira edição.

<sup>1</sup> Ouso parafrasear o título de uma das obras de Martin Jay. *Cantos de experiencia*. Variaciones modernas sobre un tema universal. Buenos Aires: Paidós, 2009.

<sup>2</sup> “[...] et plus nous sommes capables de nous rendre compte et de rendre compte aux autres de l’expérience vécue, plus elle est vécue consciemment (elle est ressentie, elle se fixe dans le mot etc.)”. VYGOTSKI, L. *Conscience, inconscient, émotions*. Trad. F. Sève, Gabriel Feranandez, Paris: La Dispute, 2003.

Quisera apreender o enredo como bem merecem a obra e a autora, que se desdobra na professora M.R., personagem e narradora, com quem dialoga entre cadernos de anotações e a escrita de uma tese. O desafio que enfrento é o que nos impõe todo prefácio: anunciar sem explicitar, deixando a quem lê o trabalho de exegese. Mas é preciso oferecer pelo menos uma pista de leitura. Pois bem, eu encontrei o mapa na última página do livro, no “Roteiro”. É aí que está delineado o percurso da escrita desta tese autobiográfica. Ela está dividida em quatro partes: o problema, os pressupostos teóricos, a análise dos dados empíricos e as considerações em aberto. O que desnorteia quem a examina é que cada parte tem uma denominação que contraria os cânones do trabalho científico: “Proposição”, “Invocação”, “Narração” e “Epílogo”. Mas foi no “Roteiro” que encontrei a chave da trama e os fios condutores da construção da consciência histórica, que se constitui quando se religa tempo e narrativa, de onde resulta o si mesmo examinado pelo ato de narrar, como nos ensina Paul Ricoeur. A história contada se aproxima daquelas de muitas professoras. A diferença é que a história escrita difere da história vivida. E, como afirma Vygotski na epígrafe que abre este texto, para vivermos mais conscientemente a experiência vivida é preciso nos dar conta dela e transmiti-la ao outro. Narrar a experiência das aprendizagens, dos desvios, do trabalho docente exige reflexão, e é na ação de narrar que aprendemos sobre a vida, a docência, sobre o que sabemos, o que ensinamos e sobre quem nos escuta. Mas a quem é dado o tempo de reflexão sobre a ação?

Maria do Rosario inicia a narrativa sobre a formação de professoras (não de professores), evocando que em 1991 “A educação está em crise. De novo”. E agora, em 2019? Quase 30 anos depois, a educação está em crise? Ainda? De novo? A emblemática sucessão de crises, às quais são submetidas gerações e gerações, tornou-se uma espiral sem fim em terras brasileiras. As escolas públicas formam as professoras que retornam à escola para formar outras professoras, e assim sucessivamente, vítimas e heroínas que enfrentam “mares, rotas, monstros e naufrágios [...] num frágil limite entre o épico e o cômico” de um sistema perverso que se estabeleceu no país e que tornou lastimáveis as condições de trabalho das professoras na escola pública.

“Tanta coisa ainda por fazer...” Entre tantas outras, quero me ater a uma delas que nos é deixada por Maria do Rosario como marco de sua travessia. *Não se ensina a ensinar!* Cada professora percorre, ao seu modo, o seu caminho. Não há modelos, nem regras apenas expectativas! Ao lado de uma educação prescritiva, *Em sobressaltos* nos fala de uma educação reflexiva que se examina criticamente e que permite que se reflita sobre si, sobre o que se faz, o que se pretende fazer. Não seria assim uma ciência do humano?

Os pressupostos teóricos da pesquisa narrativa e da pesquisa (auto)biográfica em educação, enquanto vertentes da pesquisa qualitativa, sem serem mencionados, permeiam este livro que pode ser considerado um modelo exemplar da investigação científica que se faz sob a forma de pesquisa-formação. A experiência vivida está no centro do processo. E é com a narração, no ato mesmo de narrar, em movimentos retrospectivos e prospectivos, que a pessoa que narra se constitui como sujeito histórico e tende a compreender a historicidade de sua formação existencial e ou profissional.

É na narração, enquanto ato de linguagem, que se expande permanentemente a consciência de si, pois exige um posicionamento crítico, aberto a mudanças. Encontrei neste livro a figura que me faltava para simbolizar tal constituição permanente da consciência histórica do tempo e dos acontecimentos que nos constituem. E a encontrei na figura do *vórtice*, sugerida por Maria do Rosario para simbolizar “[...] o processo de constituição sócio-histórica do sujeito através de atividades especificamente humanas”, entre elas a ação de narrar a experiência vivida. Vale a pena conferir! São movimentos autopoiéticos na constituição sócio-histórica do conhecimento de si, com zonas de *sobressaltos*, de consciência, de liberdade e de empoderamento. Essa figura é uma chave para compreender o percurso que foi sendo traçando pela autora entre as anotações do caderno de M.R., a escrita da tese e a proposição para a formação de professores. O vórtice poderia simbolizar qualquer processo de aprendizagem que se produz pela narrativa. Na interseção entre o parcialmente elaborado e o novo se operam sínteses e superações. Nesse processo, vão se formando conhecimentos “provisórios”, suscetíveis de pôr em dúvida o que se sabia e deslanchar um novo percurso, conduzindo a outras sínteses e superações, e assim sucessivamente ao longo da vida, renovando-se a cada nova situação-problema.

A tese, publicada em 1991, e reeditada em 2019, já não pode causar o espanto e o estranhamento que provocou à época da defesa. A *virada narrativa* nas ciências humanas e sociais, que se inicia nos anos 1980 e se consolida nos anos 2000 em educação, repercutiu positivamente como comprova o crescente número de teses e dissertações, fundamentadas nas narrativas da experiência vivida.

A peculiaridade deste livro, que se situa a meio caminho entre um memorial e uma tese autobiográfica, é a de retrazar a história de 30 anos de educação (1961-1991), aos quais se acrescentam quase 30 anos (1991-2019), vividos por Maria do Rosario, enquanto aluna-professora-formadora-pesquisadora-narradora-autora-escritora e personagem da história narrada. Nesse intervalo, é que a autora entrelaça suas referências encontradas em Literatura, Linguística, História, Psicologia, Sociologia... como um *direito* de quem pesquisa *com* o humano, para melhor compreender a educação e a vida amalgamadas em sua existência.

Agradeço à Professora Maria do Rosario Mortatti Magnani a honra do convite para prefaciar essa terceira edição deste seu livro, mas agradeço, sobretudo, pelos momentos de reflexão prazerosa e pelos *sobressaltos* de consciência e de aprendizagens que estes *cantos da experiência* me proporcionaram e que ainda irão me propiciar em outras releituras.

*São Paulo, 17 de maio de 2019*

*MARIA DA CONCEIÇÃO PASSEGGI  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Universidade Cidade de São Paulo*